

JULIETA JERUSALINSKY DOUTORA EM PSICOLOGIA E ESCRITORA

Intoxicação eletrônica vira problema para as famílias

Especialista alerta que o uso excessivo de celular e o mau uso da internet prejudicam as relações dentro de casa

Camilla Lima

O uso das tecnologias no dia a dia tem sido comum na atualidade. Ter um celular, tablet ou computador possibilita o acesso à informação sem precedentes e, com isso, uma nova geração tem nascido na era da comunicação digital.

Mas especialistas estão cada vez mais preocupados com as consequências que o uso constante dos eletrônicos tem causado nas famílias. A psicóloga Julieta Jerusalinsky alerta: a intoxicação eletrônica é um dos problemas de família.

"Essa intoxicação está relacionada ao uso compulsivo e desenfreado. Temos a possibilidade de conversar com quem está distante. Mas, ao mesmo tempo que podemos estar perto de quem está longe, estamos longe de quem está perto. Ficamos de corpo presente, mas fisicamente ausentes", alertou.

Julieta ressaltou que a virtualidade tem suas vantagens, porém deve ser observado o espaço que ela tem ocupado nas famílias.

"Não podemos dizer que não pode-se ter contato com eletrônicos. A questão é o uso excessivo. O que acontece quando uma família

se reúne para almoçar e não há conversa, cada um fica no seu celular? É preciso que as famílias conversem e que as pessoas falem umas com as outras", frisou.

A TRIBUNA - O que seria a intoxicação eletrônica?

JULIETA JERUSALINSKY - Quando surge um novo acontecimento, precisamos fazer um esforço de nomeá-lo. Nomeando a intoxicação eletrônica, o que isso nos revela? Que temos um uso compulsivo, que há um excesso, e isso é destruturante. A partir do momento em que começamos a usar a internet móvel, passamos a andar com uma janela virtual em nosso bolso e isso muda a relação que estabelecemos com tempo e espaço.

> As pessoas estão mais distantes uma das outras?

Temos a possibilidade de nos comunicar com quem está distante. Mas, ao mesmo tempo em que podemos estar perto de quem está longe, junto com isso, produzimos uma forma de convívio em que, muitas vezes, estamos longe de quem está perto. Ficamos de corpo presente, mas fisicamente ausentes. Não conversamos e nem compartilhamos os acontecimentos com quem está do nosso lado.

> E quais são as consequências do uso dos eletrônicos para as crianças?

Quando um bebê caminha pelo espaço e alguém diz "cuidado, não mexe ou ande aí, é perigoso", ele tem relação de troca. Já a criança que só tem contato com eletrônicos está sendo privada do seu desenvolvimento. Quando a criança conversa com outro, é imprevisível o que a outra criança pode perguntar. E quando um tablet ocupa um lugar do brincar, esse bebê ou criança está tendo uma perda estruturante.

Quando uma criança brinca com alguém, ela diz para o outro o que se imagina. Quando, em vez de se dizer o que está imaginando para criar uma brincadeira, essa criança se encontra em uma plataforma de jogo, temos um cenário criado, um personagem formado, isso gera um conforto. O brincar é preparatório para a imaginação e criatividade.

> É possível deixar as crianças longe dos eletrônicos?

Crianças de zero a 3 anos não



JULIETA: "É preciso que as famílias conversem, que as pessoas falem umas com as outras"

devem ficar nos eletrônicos em hora nenhuma. Elas precisam ter contato para seu desenvolvimento. Já para outras, não dizer que não pode ter o contato. A questão é o uso excessivo.

> Sobre as punições, muitos pais tiram eletrônico da criança. Seria o correto?

Educar não é entregar ou tirar bens. Quando isso é feito, a criança acha que o tablet ou celular é importante. A ponte é se orgulhar de fazer o bem e não em ter o bem. Quando a criança faz algo que não deve, deve-se produzir uma conse-

ciência que ela fez algo que não pode se orgulhar.

> As famílias estão perdendo o contato em seus lares?

O que acontece quando uma família se reúne para almoçar e não há conversa, cada um fica no seu celular? É preciso que as famílias conversem, que as pessoas falem umas com as outras. Estamos expostos à vivência durante nosso dia a dia. E representamos isso por meio da palavra, é preciso falar com o outro.

Hoje, as crianças ficam longe das conversas dos adultos, porque os pais acham que vão atrapalhar. Mas é importante que as crianças participem e saibam o que está acontecendo com pessoas próximas a ela. Quando uma criança escuta os adultos, ela tem conhecimento do mundo. Muitas vezes, as crianças acabam tendo a ilusão de que quem sabe tudo é o Google. Isso cria uma criança despreparada. A construção do saber tem a ver com a experiência da vida.

> Como os pais podem melhorar esses relacionamentos?

Não sou favorável a produzir um discurso que demonize a tecnologia. A questão é: que lugar isso ocupa? Deixar de falar com aque-

QUEM É ELA

Julieta Jerusalinsky

É PSICÓLOGA, psicanalista, especialista em Estimulação Precoce; mestre e doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

É MEMBRO da Clínica Interdisciplinar Centro Lydia Coriat, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e da Clínica Prof. Dr. Mauro Spinelli, em São Paulo.

ATUA como professora nos cursos de especialização em "Teoria Psicanalítica", na Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão da PUC-SP; e "Estimulação Precoce: clínica interdisciplinar com bebês" e "Problemas do Desenvolvimento Infantil", no Centro Lydia Coriat.

É AUTORA dos livros "Enquanto o futuro não vem - A Psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês" (Ágalma, 2002) e "A criação da criança: brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê" (Ágalma, 2010).

É ORGANIZADORA de "Travessias e Travessuras no Acompanhamento Terapêutico" (Ágalma, 2017) e de "Intoxicações Eletrônicas - o sujeito na era das relações virtuais" (Ágalma, 2017).

“Muitas vezes, as crianças acabam tendo a ilusão de que quem sabe tudo é o Google. A construção do saber tem a ver com a experiência da vida”

les que estão próximos a nós é uma grande perda para o ser humano.

Aqui não se trata de colocar a responsabilidade apenas para os pais. Trata-se de uma sociedade ser mais tolerante, mesmo que a criança corra no restaurante, entre embaixo da mesa, puxe conversa com a mesa ao lado. Se há uma sociedade individualista, os pais deixam a criança retirada com a tela para não incomodar.

> É possível dizer que há uma "violência virtual"?

Na atualidade, tem uma série de plataformas em que as pessoas vão postando uma imagem em que são sempre felizes. Seja em um lugar ou comendo um prato gourmet. A internet, por sua vez, ocupa o lugar do que seria uma espécie de espelho da madrastra da Branca de Neve, em que há uma plenitude imaginária.

As chaves das relações passam a ser a inveja e a rivalidade, com essa plenitude imaginária. Com isso, se produz um esvaziamento da lógica do viver. Isso tem produzido efeitos muito devastadores, é a lógica da fama e da difamação que passam a regular as relações. Isso produz derretimento dos laços e atinge de maneira geral a todos nós. Hoje há um apedrejamento virtual. Vemos um mau uso da internet.

SERVIÇO

Evento

NO DIA 31 deste mês, Julieta Jerusalinsky vai participar da Conferência Intoxicações Eletrônicas na Infância, em Vitória.

LOCAL: Bristol Easy Hotel Reta da Penha, Vitória, às 19 horas. Inscrições www.sympla.com.br. Valor R\$ 80.

PARA especialista, é preciso ter atenção para o uso compulsivo e desenfreado de eletrônicos como o celular

